

Ana dos Santos. *Poerotisa*. Porto Alegre: Figura de Linguagem, 2019. 65 p.

Não sei se todos os livros até hoje publicados pela Figura de Linguagem empurram o leitor diretamente ao texto, num movimento brusco de corte da intermediação do índice, como se lançada ao mar a agulha imantada da bússola que aponta o norte magnético ou como se silenciada a voz de mando que se anteciparia ao canto e que balbuciaria sem saber propriamente de que *topos*.

Contudo, se a editora já o fez, tal recurso, em *Poerotisa*, estreia de Ana dos Santos no poema escrito, se reconhece por fora do recurso, pois a sua falta assume a dimensão de um significante, ou seja, aquilo que, numa situação própria de linguagem, enuncia o que terá um cambiante e correspondente teor simbólico cujas possibilidades de sentido apenas ao final se abrirão.

Ultrapassado o que não existe, sua falta instituirá a palavra – ela mesma um buraco – que funda o primeiro poema, que funda o livro mesmo como um reservatório de frutos-objetos estéticos e que faz a abertura dos caminhos pelos quais Ana dos Santos se intromete como poeta. Refiro-me ao “O”, que parece nos dizer *homem*, mas que, no seu oco, diz outra coisa, ou seja, diz daquilo que sustenta os objetos de fruição, de gozo-outro, num movimento de circularidade e de continuidade, a serpente mesma que quase morde o próprio rabo. “O/índio/ainda/anda/ainda/sendo/ainda/índio”

Sabe-se que a serpente como sabedoria, fecundidade, segredos, infinito, proteção das fontes e como força criadora terrena, ainda resiste na Índia, Grécia, Egito, Roma, Oriente, resiste nos povos indígenas das Américas, entre outros; contudo, é na

tradição africana jeje, pois aí seu lugar mais incômodo, que situarei o “O” que inaugura *Pocerotisa* e que se impõe terrenamente rastejante em suas veredas.

Os jejes conheciam a serpente Dan, existente mesmo antes da fundação do mundo. De acordo com certas fontes, Dan teria carregado na boca a divindade Mawu durante a passagem de tempo necessária para que ela (Mawu) erguesse a terra do fundo d’água e a sustentasse com pilares interpostos entre as partes seca e molhada. Havendo dificuldade nesse trabalho de sustento da terra pelos pilares, por não suficientemente fortes, Dan foi novamente convocada. Agora, com seu corpo, sustentaria o seco, interpondo-se entre ele e o molhado. A serpente é, pois, o sustém da criação da terra.

Assim esse “O” serpenteia a circularidade de seu oco em toda a eroestética de *Pocerotisa*; inclusive e não por acaso, *Raiz*, palavra que segura a planta no terreno, tal como a serpente Dan segura a terra, nomeia a primeira sessão do livro.

Ainda no mesmo sentido, ao iniciar *Pocerotisa* com um poema sem nome, composto por linhas de uma só palavra e por versos de uma e de duas sílabas métricas alternadamente (1/2/1/2/1/2/1), Ana dos Santos dança com os donos da terra, a quem assim reconhece ao situá-los onde se supõe a origem do que é continuidade.

Mais rito/cerimônia que encenação; mais gozo-outro com o objeto do que objeto de gozo para o outro/dominação. E aqui seu enlace com “Eu não estou sambando para ti”, a dança que a poeta compartilha está marcada por batidas de pés contra o terreno num compasso binário, num revezamento entre forte e fraco que ela emula ao revezar sílaba tônica e sílaba átona em cada linha do primeiro texto. A equivocada tradição branca brasileira chamaria esse pé rítmico de *troqueu* ou *trocaico*, mas obediente ao giro sulista feito pela autora quando rompe com os índices que apontam o norte, prefiro chamá-lo de “pés-contraterra”, por me continuar faltante-falante a língua ancestral.

A circularidade e a continuidade de Dan também aparecem nos inícios de Ana quando ainda no poema “O” reitera a aliteração dos fonemas 'nd', talvez como modo de tornar presente a planta dos pés contra o terreno daqueles que não tinham pés de galinha, para parafrasear a escritora franco-camaronesa Leonora Miano de *Estação das sombras*, ou talvez como forma de ratificar o não como quebra de um estado de coisas que se mostrará no correr do livro.

O “ainda sendo” do texto-primo, na sua condição de presença e constância, simultaneamente contrasta e se assemelha ao tempo anafórico do “era uma vez” do texto que ponteia, mas não fecha o círculo. Embora a repetição do “era uma vez” evoque a ideia de permanência, Ana corta com a adaga que não tem esse tempo que não foi quando escreve: “Era uma vez,/ não é, não!”

Em “Os usos do erótico: o erótico como poder”, a escritora e ativista caribenha-americana Audre Lorde também fala de Dan, embora não a nomeie como tal. Desse texto destaco a passagem em que presumo mais intenso o corpo da serpente jeje. Audre conta que “Durante a segunda guerra mundial, comprávamos potes de plástico hermeticamente fechados com uma margarina incolor dentro, que vinha com uma cápsula pequena e densa de corante amarelo, [...]. Deixávamos a margarina no sol um tempo, para amaciar, e aí furávamos a pequena cápsula na massa macia e pálida da margarina. Então, pegando a embalagem com cuidado entre os dedos, balançávamos cuidadosamente pra frente e pra trás, várias vezes, até que a cor estivesse se espalhado completamente por todo o pote de margarina, colorindo-a perfeitamente”.

O colorido de que fala Audre, sendo o que se espalha, o que se movimenta e colore, sendo o que serpenteia e que produz o gozo-outro é tão circular quanto Dan, tão circular quanto a roda da cura/que gira, do poema “Só papo poético”. Aí Ana também reconhece um “O”. Contudo, ao lado da roda da cura, a poeta relembra a roda que enferma, a roda do trabalho “terceirizado”: falo do poema “As negras já estão”.

Ana dos Santos também elabora muito bem formas de atualização dos mitos diaspóricos, no sentido de um discurso que, de modo peculiar e deslizante, alheio às concepções de verdade ou de mentira, fala de um povo e de suas tradições. Registra-se tal atualização quando, por exemplo, ela escreve “Dandara é guerreira/porque chove na sua horta/e ela vai vender na feira” ou ainda em “Pretas velhas”, quando escreve “Deixa eu te contar/ das pretas velhas da minha família”.

Nesse poema (“Pretas velhas”), em que velhice e juventude se acirrandam em corpos negros femininos, jovens e velhos, sugerindo que o viço e a força da juventude e a sabedoria e a fragilidade da velhice são contemporâneos no atemporal da ancestralidade, Ana reforça sua participação com Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo, entre outras, naquilo que chamarei de “imaginação diaspórica”, noção que parte do conceito de “imaginação africana”, proposta pelo crítico nigeriano Francis Abiola Irele.

Embora *Poerotisa* não seja marcada por uma linguagem que se diria “das ruas”, em geral, nos textos que ressoam mais “nós” do que “eu”, a poeta, numa firme batida de pé, se apropria de ditos/ditados populares, registrando-os, torcendo-os e os subtraindo do discurso ordinário, quase ingênuo ou mal-intencionado em que se encontrariam se não enraizados nesses poemas. Destaco: “Vocês que são brancos,/ que se entendam”; “Deus escreve quieto por linhas surdas”; “O pão/Não tem/ O circo/Tem que pagar pra entrar!”; “Santa foi a puta que me pariu!”

Em *Poerotisa* não se dá oposição entre política, feminismo (ou mulherismo), antirracismo e poesia, porque o erótico (e não apenas no conjunto de poemas integrantes da sessão *Fruto*, onde pareceria mais evidente para os menos avisados) --e aqui parafraseio a Audre Lorde -- oferece um manancial de força revigorante e provocativa à poeta que não teme sua revelação, nem sucumbe à crença de que a “opinião rimada” basta. O erótico carrega a divindade na boca e se constitui em fonte e explosão nos poemas de Dan/Ana.

Pocrotisa é leito em que Ana se deita e do qual se levanta sem a máscara de silenciamento dos que nos quiseram ANAstácias, conforme assinala a artista e escritora de São Tomé e Príncipe Grada Kilomba, referida indiretamente pela poeta em “Mimimi”. Ana come as palavras que nos foram frutos proibidos (e não estou me referindo à Bíblia) e as cospe poemas.

Eliane Marques

Poeta, ensaísta, editora responsável pela Escola de Poesia